

ISSN: 2176-5960

PROMETEUS FILOSOFIA

setembro - dezembro de 2017

número 24

ISSN: 2176-5960

## DERRIDA E BERMAN – A TRADUÇÃO COMO ESPAÇO DE CRÍTICA

Juliana Cecci Silva  
Programa de Pós-Graduação em Linguística/  
Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)/  
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)  
Doutoranda  
[julianacecci@yahoo.com.br](mailto:julianacecci@yahoo.com.br)

**Resumo:** Na esteira da reflexão *tradutológica* de Friedrich Schleimacher (1768-1834) e de Walter Benjamin (1892-1940), o tradutor e teórico francês Antoine Berman (1942-1991) tornou-se um importante expoente das atuais reflexões na área de Estudos da Tradução ao fazer da tradução um espaço de crítica às tradicionais abordagens logocêntricas dessa teoria/prática; ao fazer dela, assim como o fez Jacques Derrida (1930-2004) na Filosofia, um espaço que possibilita a reformulação dessa relação com o Outro e com tudo que isso pode trazer à superfície do texto traduzido. Diante dessa evidente proximidade com a perspectiva de Jacques Derrida (1930-2004), gostaríamos, no presente trabalho, de mostrar algumas associações entre seus trabalhos.

**Palavras-chave:** Berman. Derrida. Tradução. Logocentrismo. Filosofia da Linguagem.

**Abstract:** Following on the trail of Friedrich Schleimacher (1768-1834) and Walter Benjamin (1892-1940)'s *traductology*, the translator and French theorist Antoine Berman (1942-1991) became an important exponent of the currents thinkings in Translation Studies in making the translation a critical place against the traditional logocentric approaches on that theory/practice; in making it, as did Jacques Derrida (1930-2004) in Philosophy, a space that enables the reformulation of the relationship with the Other and with all that can be brought up to the translated text surface. Given this apparent proximity to the Jacques Derrida (1930-2004)'s perspective, we would like, in the present work, to show some associations between their works.

**Keywords:** Berman. Derrida. Translation. Logocentrism. Philosophy of Language.

## Introdução

Na esteira da *experiência e reflexão tradutológica* de Friedrich Schleimacher (1768-1834)<sup>1</sup> e da *tarefa do tradutor* de Walter Benjamin (1892-1940)<sup>2</sup>, o tradutor e teórico francês Antoine Berman (1942-1991), a partir de sua *visada ética, poética e pensante*, tornou-se um importante expoente das atuais reflexões na área de Estudos da Tradução ao fazer daquilo que ele chama de Tradutologia, em oposição à Tradútica<sup>3</sup>, um espaço de crítica às tradicionais abordagens etnocêntricas da tradução; ao fazer da Tradutologia um espaço que possibilita a reformulação dessa relação com o Outro e com tudo aquilo que essa relação possa trazer à tona, à superfície do texto traduzido, assim como o fez Jacques Derrida (1930-2004) no espaço da Filosofia e da Tradução a partir de sua noção de hospitalidade:

[...] a hospitalidade absoluta exige que eu abra a minha casa [...] ao outro absoluto, desconhecido, anônimo, que eu lhe ceda lugar, que eu o deixe vir, que o deixe chegar, e ter um lugar no lugar que ofereço a ele, sem exigir dele nem reciprocidade (a entrada num pacto), nem mesmo o seu nome. (DERRIDA, 2003, p. 23, 25)<sup>4</sup>

Diante dessa evidente proximidade com a perspectiva de Derrida, gostaríamos, no presente trabalho, de mostrar algumas associações entre o trabalho de Berman e o de Derrida; no entanto, queremos deixar claro desde já que o nosso foco está mais voltado para Berman, uma vez que no horizonte de seus trabalhos – diferente da experiência desconstrutiva, polêmica e anti-conceitual que se tem com os de Derrida – encontramos elementos de uma natureza mais pragmática e que, de fato, fornecem dispositivos teórico-metodológicos para a nossa complexa *tarefa do tradutor*.

---

<sup>1</sup> De quem, aliás, Berman traduziu do alemão para o francês o *Des différentes méthodes du traduire*, livro que considera inaugural da Tradutologia, isso é, a disciplina que pensa a tradução dentro de seu próprio campo de conhecimento.

<sup>2</sup> Mais precisamente na que surgiu a partir das reflexões de Benjamin em *La tâche du traducteur* (2000).

<sup>3</sup> Assim, na esteira de Berman, ao usarmos a dupla terminológica *reflexão/experiência* em vez de *teoria/prática*, estamos nos situando para além da *tradútica*, para além de um estudo baseado em concepções pré-estabelecidas que reproduzem o pensamento etnocêntrico quando da tradução de obras; queremos nos situar no que esse estudioso chama de tradutologia e, usando de suas palavras: “Quero situar-me inteiramente fora do quadro conceitual fornecido pela dupla teoria/prática, e substituir esta dupla pela da *experiência* e da *reflexão*. A relação entre a experiência e a reflexão não é aquela da prática e da teoria. **A tradução é uma experiência que pode se abrir e se (re)encontrar na reflexão.** Mais precisamente: ela é originalmente (e enquanto experiência) reflexão. Esta reflexão não é nem a descrição impressionista dos processos subjetivos do ato de traduzir, nem uma metodologia. Ora, uma boa parte da proliferante e repetitiva literatura dedicada à tradução pertence a uma ou outra destas categorias”. (BERMAN, 2007, p. 17-18, grifo do autor, negrito nosso).

<sup>4</sup> Livro redigido a partir de um seminário apresentado por Derrida na França, do qual a filósofa e psicanalista Anne Dufourmantelle participou como ouvinte; após o seminário, Dufourmantelle solicitou a Derrida a quarta e a quinta sessão por ele apresentadas (respectivamente nos dias 10 e 17 de janeiro de 1996), nas quais o tema principal era o da Hospitalidade.

### Relação com o estrangeiro –

#### A essência dos fundamentos da retradução (ou analítica da tradução)

Influenciado por teóricos contemporâneos afinados com o pensamento desconstrutivista e pós-colonialista que criticam duramente o pensamento ocidental tradicional – em outras palavras: o modo *metafísico* como o conhecimento tem sido produzido e disseminado ao longo da história desconsiderando os sentidos produzidos historicamente nas relações –, Berman desenvolveu alguns fundamentos teórico-metodológicos para operar naquilo que chama de *retradução* ou, ainda, *analítica da tradução*. Gostaríamos de apresentar aqui o que nos parece constituir o essencial desses fundamentos que criticam a Tradutística, ou seja, as tradicionais teorias da tradução; teorias que, segundo Berman, falham por não incluírem as relações, a história, por estarem fundadas em uma metafísica da linguagem, isso é, na busca por um *sentido* único e verdadeiro na tradução.

Em 1981, Antoine Berman publica o ensaio “A tradução em manifesto” e, a partir daí, começa sua breve caminhada como pesquisador da tradução. Nesse ensaio, que mais tarde serviu como prefácio para o seu livro *A prova do estrangeiro: tradução e cultura na Alemanha romântica: Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleimacher* (livro que ficou conhecido como simplesmente *A prova do estrangeiro* [2002]), o autor propõe que se reflita sobre o ato tradutório a partir de uma visão *moderna*, mas que, ao mesmo tempo, se construa um diálogo com o *passado*, uma retrospectiva, tendo em vista uma compreensão do *si-mesmo* (BERMAN, 2002, p. 12).

Como suporte para essa reflexão, como primeira tarefa de uma *teoria moderna* da tradução, Berman elege a elaboração de uma história da tradução que se instaure a partir de uma abordagem estendida e aprofundada da história já estabelecida; cito Berman:

A constituição de uma história da tradução é a primeira tarefa de uma teoria *moderna* da tradução. Toda modernidade institui não um olhar passadista, mas um movimento de retrospectiva que é uma compreensão de si. [...] Assim, as grandes *re-traduições* do século 20 [...] são necessariamente acompanhadas por uma reflexão sobre as traduções anteriores. Essa reflexão deve ser estendida e aprofundada.<sup>5</sup>

Impulsionada por esse movimento, a tradução contemporânea pode começar a pensar a partir de si mesma. É também uma maneira de estender o horizonte de experiência e de reflexão da tradução, visto que, e cito Berman, “é impossível separar essa história [a da

---

<sup>5</sup> Ibid., p. 12-13, grifos do autor.

experiência e reflexão acerca da tradução] daquelas das línguas, das culturas e das literaturas”<sup>6</sup>. Porém, ele pondera; cito-o:

[...] não se trata de misturar tudo, mas de mostrar como, em cada época ou em cada espaço histórico considerado, a prática da tradução *articula-se* à da literatura, das línguas, dos diversos intercâmbios culturais e linguísticos.<sup>7</sup>

E uma página adiante ele aprofunda essa reflexão:

fazer a história da tradução é redescobrir pacientemente [uma] rede cultural infinitamente complexa e desconcertante na qual, em cada época, ou em espaços diferentes, ela se vê presa. E fazer do saber histórico assim obtido uma abertura de nosso *presente*.<sup>8</sup>

Para realizar o seu movimento de retrospecto, Berman propõe-se a discutir centralmente a tradição do pensamento romântico alemão sobre a tradução, pois julga que:

[...] todas essas traduções, feitas no limiar do século 19, remetem historicamente a um acontecimento que foi decisivo para a cultura, a língua e a identidade alemãs: a tradução, no século 16, da Bíblia por Lutero<sup>9</sup>. Essa tradução, com efeito, marcou o início de uma tradição na qual o ato de traduzir é, a partir de então – e até hoje –, considerado como uma parte integrante da existência cultural e, mais ainda, como um momento constitutivo do germanismo, da *Deutschheit* [isto é, da unidade alemã]. (BERMAN, 2002, p. 28, grifo do autor)

Na tradição alemã, o ato de traduzir, desenvolvido a partir da marcante tradução luterana, buscava manter uma relação de abertura com as outras línguas – portanto, uma relação de abertura ao estrangeiro – “como *acoplamento e diferenciação*, como *nivelamento e mestiçagem*”<sup>10</sup>. Assim “a teoria romântica da tradução, poética e especulativa [na qual Berman se inspira], constitui em muitos aspectos o solo de uma certa consciência literária e tradutória moderna”<sup>11</sup>.

E a aproximação que proponho entre Berman e Derrida vai principalmente nesse sentido. O tema da hospitalidade em Derrida, com suas questões relativas ao estrangeiro e à condição de recepção e desenvolvimento da relação estrangeiro/hóspede, parece compartilhar das reflexões de Berman; cito um trecho inicial da entrevista que Derrida concede à

---

<sup>6</sup> Ibid., p. 13.

<sup>7</sup> Ibid., p. 13, grifo do autor.

<sup>8</sup> Ibid., p. 14, grifo do autor.

<sup>9</sup> Trabalho que visava a germanização da língua da tradução, em forte oposição às traduções *latinizadas* da Bíblia que foram produzidas na Alemanha.

<sup>10</sup> Ibid., p. 40, grifos do autor.

<sup>11</sup> Ibid., p. 40.

psicanalista Anne Dufourmantelle, no qual ele reflete sobre a hospitalidade, sobre o estrangeiro:

A questão do estrangeiro não seria uma questão de estrangeiro? Vinda do estrangeiro?

Antes de dizer *a* questão do estrangeiro, talvez se devesse precisar: questão *do* estrangeiro. Essa diferença de acento, como entendê-la?

Existe, como dizíamos, uma questão do estrangeiro. É urgente abordá-la – como tal.

Está bem. Mas antes de ser uma questão a ser tratada, antes de designar um conceito, um tema, a questão do estrangeiro é uma questão *de* estrangeiro, uma questão vinda *do* estrangeiro, e uma questão ao estrangeiro, dirigida *ao* estrangeiro. Como se o estrangeiro fosse, primeiramente, *aquele que* coloca a questão ou aquele *a quem* se endereça a primeira questão. Como se o estrangeiro fosse o ser-em-questão, a própria questão do ser-em-questão, o ser-questão ou o ser-em-questão da questão. Mas também aquele que, ao colocar a primeira questão, me questiona. (DERRIDA; DUFOURMANTELLE, 2003, p. 5, grifos do autor).

De volta às limitantes abordagens tradicionais da tradução, àquilo que Berman chama de Tradutícia, A França, com as suas *belles infidèles* (belas infiéis), seguiu uma trajetória histórica, cultural e literária inversa daquela da Alemanha. O classicismo francês havia instituído a sua língua como *medium* da comunicação, da representação e da criação literária, e esse meio se pautava pela exclusão de *estrangeirismos*, portanto sua relação com outras línguas era restrita e não tinha o intuito de miscigenação ou, no caso específico do ato tradutório, não tinha o intuito de uma relação que manifestasse o estrangeiro na língua da tradução.

Essa divergência histórica entre as tradições francesa e alemã vai despontar como um problema para Berman, pois ao traduzir para o francês obras latino-americanas que partiam de uma tradição oral e popular, ele se viu no impasse de restituir esse tipo de texto para uma cultura que normalmente se fecha para a diferenciação do outro e para a mestiçagem com o estrangeiro. Berman vê nesse problema muito mais que apenas uma questão setorial: ele o percebe como algo que “coloca em jogo o sentido e o poder da tradução” (BERMAN, 2002, p. 43), reconhecendo que, e cito Berman:

[...] o trabalho a ser feito no francês moderno para torná-lo capaz de receber autenticamente, ou seja, sem etnocentrismo, esse domínio literário [das obras latino-americanas] mostra bem que se trata, na e pela tradução, de participar desse movimento de descentralização e de mudança do qual nossa literatura (nossa cultura) precisa, se ela quiser encontrar uma figura e uma experiência de si mesma que em parte perdeu (não totalmente, é claro!) a partir do Classicismo. [...] A tradução se quiser participar de um movimento assim, deve *refletir sobre si mesma* e seus poderes. [...] Nenhuma *teoria* do traduzir

seria necessária se alguma coisa não devesse mudar na prática da tradução. A Alemanha dos românticos, de Goethe, de Humboldt e de Schleiermacher conheceu à sua maneira uma problemática análoga.<sup>12</sup>

Por conta disso, o pensamento romântico alemão (re)nasce no estudo de Berman; estudo que, de acordo com seu autor, tem visada dupla: “trata-se, por um lado, de *revelar* o papel ainda desconhecido dessa teoria na economia do pensamento romântico. Mas por outro lado, trata-se de *discutir* os seus postulados e de contribuir assim para uma crítica de nossa modernidade”<sup>13</sup>.

É importante destacar que essa fonte histórica – na qual Berman fundamentará toda a sua discussão – é também o “lugar” em que “a prática tradutória vai constituir-se numa atividade complementar à crítica, no interior de um vasto programa estético, que tem na palavra *Bildung* sua tradução mais completa” (SOUSA, 2009, p. 12). Desse modo, encontram-se no conceito de *Bildung* os postulados que Berman pretende discutir em seu trabalho.

### **A aplicação do conceito de *Bildung* em Berman**

No recorte bermaniano, o conceito de *Bildung* significa, de modo geral, *cultura*, mas ele reconhece a complexidade do termo e sua aplicação a inúmeros outros sentidos, dos quais o que parece ganhar mais ênfase em sua obra é o da “conotação pedagógica e educativa: o processo de formação” (BERMAN, 2002, p. 79). Para Berman, “não seria exagero afirmar que esse conceito resume a concepção que a cultura alemã da época tem de si mesma, *a maneira pela qual ela interpreta seu modo de desdobramento*”, alertando, ainda, que procurará “mostrar que a tradução (como modo de relação com o estrangeiro) está inscrita na *Bildung*”.<sup>14</sup>

A *Bildung* é sempre um processo em direção a uma forma que é uma *forma-própria*; cito Berman:

[...] no início, todo ser é privado de sua forma. O início, na linguagem especulativa do Idealismo alemão, pode ser a particularidade à qual falta a dimensão do universal, a unidade à qual falta o momento da cisão e da oposição, a indiferença aterrorizante que ignora qualquer articulação, a tese sem a sua antítese e a síntese, o imediato não mediatizado, o caos que ainda não se tornou mundo, a posição privada do momento de reflexão, o ilimitado que deve se limitar (ou o inverso), a afirmação que deve passar pela negação, etc. Essas formulações abstratas têm sua vertente concreta e metafórica: a

---

<sup>12</sup> Ibid., p. 43.

<sup>13</sup> Ibid., p. 40, grifos do autor.

<sup>14</sup> Ibid., p. 80, grifo do autor.

criança que deve se tornar homem, a virgem que deve se tornar mulher, o botão que deve se tornar flor, depois fruto. O emprego quase constante de imagens orgânicas para caracterizar a *Bildung* indica que se trata de um processo necessário. Mas, ao mesmo tempo, esse processo é também um desdobramento da liberdade.<sup>15</sup>

Dessa maneira, a *Bildung* apresenta sua temporalidade, o que a define, portanto, como um processo histórico que se “articula em períodos, em etapas, em momentos, em épocas”<sup>16</sup>. Esse movimento, *grosso modo*, se processa ao se dirigir ao estrangeiro, como numa viagem, para voltar ao próprio modificado. Segundo Berman:

Nesse sentido, a *Bildung* é um *auto-processo* em que há um ‘mesmo’ que se desdobra até adquirir sua plena dimensão. É provável que o conceito mais elevado que o pensamento alemão da época tenha criado para interpretar esse processo seja o da *experiência* [...]. Pois a experiência é a única noção que pode abraçar todas as outras. Ela é alargamento e infinitização, passagem do particular ao universal, prova de cisão, do finito, do condicionado. É viagem, *Reise*, ou migração, *Wanderung*. Sua essência é jogar o “mesmo” em uma dimensão que vai transformá-lo. Ela é o movimento do “mesmo” que, mudando, encontra-se “outro”. [...] Mas ela é também, enquanto viagem, experiência *da alteridade do mundo*: para ter acesso ao que, sob o véu de um tornar-se-outro, é na verdade um tornar-se-si, **o mesmo deve fazer a experiência do que não é ele**, ou pelo menos parece como tal. Para o Idealismo, a experiência concluída é o tornar-se-si do outro e o tornar-se-outro do mesmo [...]. (BERMAN, 2002, p. 81-82, grifos do autor, negrito nosso)

Para Berman, um bom exemplo dessa experiência do *Bildung* é o romance<sup>17</sup>, uma vez que ele, e cito Berman, “é a experiência da aparente estranheza do mundo e da aparente estranheza do mesmo para o si mesmo. Progredindo para o ponto em que essas duas estranhezas serão abolidas” (BERMAN, 2002, p. 83). Surgem a partir daí as polaridades que, de acordo com os românticos alemães, definem o romance: “o cotidiano e o maravilhoso, o próximo e o longínquo, o conhecido e o desconhecido, o finito e o infinito, etc.”<sup>18</sup>. Assim, o romance é a experiência em que polaridades inicialmente hostis se unem. Tal experiência é progressiva, sendo que nenhuma das suas etapas pode ser omitida, porque a atual se liga àquela que veio antes e, também, àquela que vem depois. Esta por sua vez, permanece ligada à pluralidade das suas antecessoras, as quais, depois de séculos, *rejuvenescem* a partir desta última. O processo, o movimento da *Bildung* estaria, portanto, e daí cito Berman:

---

<sup>15</sup> Ibid., p. 80.

<sup>16</sup> Ibid., p. 81.

<sup>17</sup> De acordo com Berman, não podemos esquecer que, para os pensadores românticos alemães, o termo romance era utilizado com seu duplo sentido: com referência simultânea tanto às formas romanas quanto às formas romanescas.

<sup>18</sup> Ibid., p. 83.

[...] *intimamente relacionado com o movimento da tradução*: pois este parte, com efeito, do próprio, do mesmo (o conhecido, o cotidiano, o familiar), para ir em direção ao estrangeiro, ao outro (o desconhecido, o maravilhoso, o *Unheimlich* [assustador]) e, a partir dessa experiência, *retornar ao seu ponto de partida*. Em um movimento regido pela **lei da apropriação**, nunca poderia se tratar de uma *experiência* do estrangeiro, mas da simples *anexação* ou *redução* do outro ao mesmo.<sup>19</sup>

### O sistema de deformação bermaniano

E, nesse sentido, como mais um dos desdobramentos bermanianos da dimensão histórico-cultural da tradução, o eixo da *analítica da tradução*, ou ainda da *retradução*, é o responsável por detectar o que o autor caracteriza como um *sistema de deformação* inerente à tarefa do tradutor. Esse sistema é aquele que causa a deformação da *letra* quando o ato tradutório prima por uma tradução que tem em vista um texto mais belo que o original, mais acessível ao receptor da tradução, mais fácil de ser lido, menos obscuro etc., ou seja, uma tradução que, nos termos de Berman, se apropria do que é estrangeiro no texto original. Nesse sentido, o sistema de deformação implicaria num ato tradutório que promove o apagamento do outro ou, ainda, que tem como imperativo o que o autor chamou de lei da apropriação.

Portanto, a noção de *letra*, no discurso bermaniano, não deve ser confundida com a de *palavra*. Para Berman, traduzir a letra de um texto não corresponde de maneira alguma a traduzir palavra por palavra (BERMAN, 2007, p. 16). Da mesma forma, para ele, *traduzir literalmente* não pode ser considerado algo parecido com *traduzir ao pé da letra*, como se diz no senso comum. Berman também tem uma concepção diferente da de algumas teorias tradicionais sobre o que seria o termo *literal*. Desse modo, ele considera que, para se traduzir literalmente “É preciso também traduzir o seu ritmo, o seu comprimento (ou a sua concisão), suas eventuais aliterações etc.”<sup>20</sup>. Berman explica, *grosso modo*, que “o trabalho tradutório se situa precisamente entre esses dois polos: a tradução ‘palavra por palavra’ [...] e a tradução da forma [...]”<sup>21</sup>. Tendo isso em mente, ele afirma que “o trabalho sobre a letra: [não é] nem calco [cópia], nem (problemática) reprodução, mas atenção voltada para os jogos dos significantes”<sup>22</sup>. A letra para Berman é, entre outras palavras, um espaço de jogo.

Nesse jogo, não cabe a busca por um *sentido invariável* de determinado texto estrangeiro em relação à língua própria, pois isso seria, segundo Berman:

<sup>19</sup> Ibid., p. 84, grifos do autor, negrito nosso.

<sup>20</sup> Ibid., p. 16.

<sup>21</sup> Ibid., p. 16

<sup>22</sup> Ibid., p.16.

[...] recusar introduzir na língua para que se traduz a *estranheza* do provérbio original [...] recusar fazer da língua para a qual se traduz o “albergue do longínquo”, significa, para nós, afrancesar: velha tradição. Para o tradutor formado nesta escola, a tradução é uma transmissão de sentido que, ao mesmo tempo, deve tornar esse sentido *mais claro*, limpá-lo das obscuridades inerentes à estranheza da língua estrangeira.<sup>23</sup>

Ou seja, a tradução *à francesa* seria, para Berman, um tipo de tradução que se deixa atingir pelos sistemas de deformação e, conseqüentemente, causa a deformação da letra, ou, ainda nos termos de Berman, é uma tradução apropriadora. Em uma tentativa de amenizar esse *problema*, Berman compara a *retradução* (ou ainda *analítica da tradução*) a uma psicanálise da tradução; cito-o (BERMAN, 2002, p. 20): “o tradutor deve ‘colocar-se em análise’, no sentido psicanalítico, recuperar o sistema de deformação que ameaça a sua prática e opera de modo inconsciente no nível de suas escolhas linguísticas e literárias”. E em seu *A Tradução e a Letra ou o Albergue do longínquo*, ele argumenta:

[...] [esse sistema] se apresenta como um leque de tendências, de *forças* que desviam a tradução do seu verdadeiro objetivo. **A analítica [ou seja, a retradução]** propõe evidenciar essas forças e mostrar os pontos sobre os quais elas agem. Ela concerne em primeiro lugar à tradução etnocêntrica e hipertextual, onde o jogo de forças deformadoras se exerce livremente, sendo, por assim dizer, sancionado cultural e literariamente. Mas, na realidade, todo tradutor está exposto a esse jogo de forças. Mais que isso: elas fazem parte do seu ser-tradutor e determinam, *a priori*, seu desejo de traduzir. É ilusório pensar que poderia se desfazer dessas forças tomando consciência delas. [...] É apenas ao submeter-se a “controles” (no sentido psicanalítico) que os tradutores podem esperar libertar-se parcialmente desse sistema de deformação, que é tanto a expressão interiorizada de uma longa tradição quanto da estrutura etnocêntrica de cada cultura e cada língua enquanto “língua culta”. As línguas “cultas” são as únicas que traduzem, mas são igualmente as que mais *resistem* à comoção da tradução. São aquelas que censuram. (BERMAN, 2007, p. 45-46, grifo do autor, negrito nosso).

Mas não é só pelo viés psicanalítico que Berman prevê a utilização do processo de análise: ele também considera o viés de uma análise textual rigorosa, sistemática e que leve em conta a individualidade de cada texto; análise essa que se aplica ao texto no sentido de reconhecer as *tendências deformantes* que acabam por destruir sistematicamente “a letra dos originais, somente em benefício do ‘sentido’ e da ‘bela forma’ [...]”<sup>24</sup>. Berman, embora reconheça a possibilidade de outras tendências, enumera e explica as treze seguintes<sup>25</sup>: a racionalização, a clarificação, o alongamento, o enobrecimento e a vulgarização, o

<sup>23</sup> Ibid., p. 17.

<sup>24</sup> Ibid., p. 48.

<sup>25</sup> Ibid., p. 48-62.

empobrecimento quantitativo, a homogeneização, a destruição dos ritmos, a destruição das redes subjacentes, a destruição dos sistemas textuais, a destruição (ou a exotização) das redes vernáculas da fala, a destruição das locuções e frases idiomáticas e o apagamento das sobreposições de línguas.

### **A visada ética da tradução**

Essas *tendências deformantes* – ou seja, essas deformações constitutivas do ato tradutório tradicional – têm como consequência e resultado uma prática de tradução que Berman denomina como etnocêntrica. Trata-se de um ato tradutório que tem como princípio uma ética negativa, cujo resultado seria uma *má tradução* (BERMAN, 2002, p.18). Ou seja, uma ética negativa seria, nesse sentido, aquela para a qual se direciona uma opção equivocada do tradutor ao *escolher* a apropriação do outro, o que, por fim, resultaria numa *tradução etnocêntrica* e a ética positiva, em contrapartida, seria revelada após uma retradução, onde entra o que Berman chama de *ética da tradução*. Segundo Berman, “a ética da tradução consiste, no plano teórico, em resgatar, afirmar e defender a pura visada da tradução como tal [e em] definir o que é a ‘fidelidade’” (BERMAN, 2002, p. 17). Por sua vez aquilo que o pesquisador chama de pura visada da tradução significa “abrir no nível da escrita uma certa relação com o Outro, fecundar o Próprio pela mediação do Estrangeiro [...]”<sup>26</sup>, ideia sobre a qual se alicerça a proposta do autor de uma *visada ética da tradução*:

Traduzir é, obviamente, escrever e transmitir. Mas essa escritura e essa transmissão só ganham seu verdadeiro sentido a partir da visada ética que as rege. [...] Definir mais precisamente essa visada ética e, a partir disso, tirar a tradução de seu gueto ideológico, eis uma das tarefas de uma teoria da tradução.<sup>27</sup>

Portanto, a partir dessa argumentação, entendemos que a visada ética da tradução pode se definir pela defesa da tradução como abertura ao outro e enquanto relação com o outro. É justamente em defesa da visada ética que Berman vai criticar e analisar as teorias da tradução e as traduções que ele considera tradicionais ou etnocêntricas, tendo sempre como sustentáculo para sua análise a visada ética, poética e pensante, de modo a estabelecer o espaço verdadeiro da tradução ou até mesmo uma especificidade da tradução.

### **Considerações finais**

---

<sup>26</sup> Ibid., p.16.

<sup>27</sup> Ibid., p. 18.

Para o pesquisador francês, é o fazer tradicional da tradução, através das suas tendências deformadoras, que destrói a essência verdadeira da tradução quando se apropria do outro ao invés de dar ouvidos a ele, ao invés de deixá-lo se manifestar. Parece-nos, aliás, que ele quer afirmar que esse ato não faz mais do que reafirmar o próprio em prejuízo da possibilidade de relação com o outro.

Portanto, esse *hábito* concretizado deve ser questionado e desconstruído “a partir de uma experiência mais original: não a da tradução, mas a [da] sua essência” (BERMAN, 2007, P. 26). Essência que, segundo Berman, é:

[...] mais profunda, que é simultaneamente *ética, poética e pensante*. Em suas suas regiões mais profundas, o traduzir está ligado à ética, à poesia e ao pensamento. E mesmo [...] ao “religioso” (para não dizer à “religião”). Mas o ético, o poético, o pensante e o religioso, por sua vez, definem-se em relação ao que chamamos a “letra”.<sup>28</sup>

Assim, parece-nos que tanto a *visada ética, poética e pensante* em Berman como a hospitalidade incondicional em Derrida têm a mediação do estrangeiro como parte constitutiva e fundamental dos seus *processos*. A desconstrução daquilo que Berman conceitua de tradução etnocêntrica é a mesma que Derrida chamaria de logocêntrica e, o momento em que o tradutor reflete sobre sua prática é o momento em que ele revela a verdadeira essência da tradução, que é *pôr em relação*.

## REFERÊNCIAS

- BERMAN, Antoine. *A prova do estrangeiro, tradução e cultura na Alemanha romântica*. Trad. de Maria Emília Pereira Chanut. Baurú: EDUSC, 2002.
- \_\_\_\_\_. *A Tradução e a Letra ou o Albergue do longínquo*. Trad. de Marie-Helène Catherine Torres, Mauri Frulan, Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/ PGET, 2007.
- CECCI SILVA, Juliana. *Desconstrução da metafísica da linguagem e retradução dos capítulos 1, 2 e 3 do “Des Mots” de Leibniz*. Dissertação (Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução), Universidade de Brasília, Brasília, 2014.
- DERRIDA, Jacques; DUFOURMANTELLE, Anne. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade*. Trad. de Antonio Romane. Rev. téc. Paulo Ottoni. São Paulo: Escuta, 2003.

---

<sup>28</sup> Ibid., p. 26, grifo do autor.

SOUSA, Renato Venâncio Henrique de. "A tradução como forma e formação". In: PIETROLONGO, Márcia (Org.). *O trabalho da tradução*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2009, p. 11-28.